

OS PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: IDEIAS E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

THE PARADIDACTICS IN HISTORY TEACHING: IDEAS AND EXPERIENCES OF TEACHERS OF BASIC EDUCATION

Ana Beatriz Thomson¹

Resumo: Este artigo foi desenvolvido a partir dos resultados da pesquisa de mestrado em História Social, concluída em 2016. O objetivo do estudo foi pesquisar o uso de paradidáticos no ensino de história pelos professores da educação básica. Nesse sentido, nos apropriamos das propostas teórico-metodológicas da Educação Histórica (BARCA, 2011)² para analisar as narrativas de professores com vistas a perceber se esses materiais podem ser considerados uma alternativa a um ensino de história significativo, representando assim um incentivo à formação do aluno-leitor. Nossa conclusão a partir da análise das ideias e experiências dos professores foi que os paradidáticos são concebidos na maioria dos casos como um suporte lúdico e raramente compreendido como fonte histórica.

Palavras-chave: Paradidáticos; Ensino de história; Educação Histórica.

Abstract: This article was developed from the results of the master's research, completed in 2016. The objective of the study was to investigate the use of paradidactics in the teaching of history by teachers of basic education. In this sense, we appropriate the theoretical-methodological proposals of Historical Education (BARCA, 2011), to analyze teachers' narratives in order to understand if these materials can be considered as an alternative to a significant history teaching, thus representing an incentive to the formation of the student-reader. Our conclusion from the analysis of the ideas and experiences of the teachers was that the paradidactics are conceived in the majority of the cases like a ludic support and rarely understood like historical source.

Keywords: Paradidactics; History teaching; Historical Education.

Introdução

Um dos preceitos basilares da Educação Histórica é trabalhar a partir dos agentes diretos da educação, buscando investigar aquilo que Dominique Julia (2001)³ chama de “caixa-preta” da escola. Desse modo, as pesquisas em Educação Histórica almejam uma maior compreensão acerca do pensamento histórico de professores e alunos, dentro de uma

¹ Mestre em História e doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Professora da rede estadual. E-mail: anab.thomson@yahoo.com.br.

² BARCA, Isabel. O papel da Educação Histórica no desenvolvimento social. In: CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Educação Histórica: Teoria e Pesquisa*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 21-48.

³ JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, p. 9-34, jan./jun. 2001. Disponível em: <www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/273/281>. Acesso em: 16 set. 2018.

metodologia de análise que leve em conta a estrutura da própria ciência histórica e de sua teoria. De modo geral, busca-se levantar nesse campo de estudo reflexões para se “[...] conhecer o significado prático do pensamento histórico para a constituição da identidade humana” (SCHMIDT; BARCA, 2014, p. 22)⁴. Considerando esse campo teórico-metodológico, as ideias apresentadas nesse artigo têm como objetivo apresentar os resultados (e principalmente) as inquietações que resultaram da pesquisa de mestrado em História Social concluída em 2016. A investigação partiu do tema geral relacionado às relações entre Literatura e História, para a verificação de como professores de história têm utilizado materiais literários em sala de aula.

Entendida como agente transformador da realidade, a Literatura pode ser compreendida “para além do prazer/emoção estéticos”, pois os livros feitos para os jovens têm buscado nos últimos anos “alertar ou transformar a consciência crítica de seu leitor/receptor” (COELHO, 2000, p. 29)⁵. Nesse sentido, nos indagamos: como essas reflexões têm permeado o ambiente escolar? Quais as visões dos professores sobre as práticas de leituras dos jovens? Como eles acreditam que possam contribuir para a formação de leitores críticos e conscientes? Como funciona a dinâmica dos livros/literatura no cotidiano escolar? Os livros paradidáticos (aqui compreendidos como materiais literários usados no cotidiano escolar e que não se configuram como os tradicionais didáticos) estão presentes na escola por meio de diferentes meios e é nosso papel como pesquisadores refletir sobre o seu potencial, principalmente em relação ao seu uso em sala de aula pelos professores.

Considerando as reflexões apresentadas, realizamos uma investigação na cidade de Londrina, com dois grupos de professores de história sobre o uso de materiais literários. Em um primeiro momento deste artigo, serão apresentados os sujeitos participantes dessa investigação, assim como as ideias gerais interpretadas a partir dos questionários que foram respondidos pelos professores dos grupos A e B. Em um segundo momento, utilizando as perspectivas do campo da Educação Histórica e a metodologia versada por Gago (2007)⁶, apresentaremos os “padrões de respostas” que possibilitaram a categorização das ideias apresentadas pelos professores sobre os paradidáticos no ensino de história.

⁴ SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. Uma epistemologia da pesquisa em Educação Histórica: limites e possibilidades. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; URBAN, Ana Cláudia (Orgs.). *Passados possíveis: a educação histórica em debate*. Ijuí: Ed. Unijui, 2014. p. 21-39.

⁵ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

⁶ GAGO, Marília. *Consciência histórica e narrativa na aula de História: concepções de professores*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Minho, Portugal, 2007.

O grupo A é formado por nove professores, todos de escolas públicas, que ministram aulas de história e participam como supervisores do PIBID/História/UEL. Dois deles têm idade entre 31 e 40 anos e dois entre 51 e 60 anos. A maioria deles, portanto, apresenta entre 41 e 50 anos (cinco professores). O nível de formação acadêmica mostrou-se bastante variado. Entrevistamos cinco especialistas, dois mestres, um aluno de mestrado e um graduado. A respeito do tempo de experiência em sala de aula, os dados se mostraram interessantes. Apenas dois professores indicaram uma experiência entre 7 a 10 anos. O restante, sete professores, marcaram o campo “mais de 10 anos” de experiência em sala de aula.

O grupo B é composto por seis professores de história de uma escola particular central da cidade de Londrina. As faixas de idade são variadas, dois deles têm entre 31 e 40 anos, dois entre 21 e 30, um entre 41 e 50 e o outro tem mais de 61 anos de idade. Os níveis de formação também são variados. Entrevistamos um mestre, três graduados e dois professores que estão cursando a especialização. Desses professores, dois apresentam experiência de 3 a 7 anos; dois de 3 a 7 anos e dois lecionam há mais de 10 anos. Concluímos assim, uma amostra bastante variada.

Abaixo segue um trecho do questionário proposto aos professores⁷.

4. Você costuma utilizar outros materiais, além do livro didático, em suas aulas? Quais? Filmes, folhas anexas, reportagens, literatura? Cite alguns exemplos.
 5. Você acredita que a Literatura pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de 6. Em sua opinião, o que é um livro paradidático?
 7. Por quais meios você conhece ou tem contato com algum livro paradidático? Marque a(s) alternativa(s) correta(s).
☐ Não tenho contato com paradidáticos ☐ Na biblioteca da escola ☐ Pelo acervo do PNBE
☐ Por indicação do livro didático ☐ Por indicação dos alunos ☐ Por indicação de outros professores ☐ Outra forma: _____
 8. Você já utilizou livros paradidáticos em suas aulas? Caso sua resposta foi sim, conte-nos como foi essa experiência. Caso sua resposta for não, conte-nos o porquê de você nunca ter utilizado esse tipo de material.
 9. Você acha que os livros paradidáticos são uma boa opção para serem utilizados no ensino de História? Quais as contribuições desses materiais?
 10. Existe algum fator que limita a utilização de livros paradidáticos no ensino? Quais?
- (Trechos do questionário realizado com os professores dos Grupos A e B, em 2015).

⁷ As reflexões que motivaram as perguntas desse questionário podem ser encontradas em: THOMSON, Ana Beatriz. “Para além do livro didático”: as ideias dos professores de história sobre os livros paradidáticos. In: Anais XV encontro regional de história, 2016, Curitiba. Disponível em: http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1467080859_ARQUIVO_textofinalanpuh.pdf. Acesso em: 23 set. 2018.

Após a formulação do questionário e a leitura inicial das respostas dos professores, buscamos estabelecer alguns pontos referenciais, que nos permitissem explorar as indagações e hipóteses iniciais dessa pesquisa:

1. Uso de materiais diferenciados
2. Contribuições da Literatura
3. Conceito de paradidático
4. Utilização de paradidáticos

Meios de contato

Limitações

Experiências

A partir desses pontos referenciais elencados acima, foi possível desenvolver o trabalho de análise dos questionários e de categorização das respostas. Esses subtemas estão ligados principalmente às hipóteses iniciais do trabalho, além das ideias gerais que foram identificadas durante a leitura do material coletado.

Uso de materiais diferenciados⁸

Nesse item discorreremos sobre as respostas dos professores à questão 4 do questionário. Pretendemos verificar se eles costumam utilizar materiais diferenciados em suas aulas de história, buscando, com isso, verificar se o termo “paradidático” seria citado por algum deles.

Todos os professores do grupo A afirmaram que utilizam materiais diferenciados em suas aulas. Outro fato que chamou atenção foram os filmes (ou trechos de filmes), que foram citados por todos os professores como exemplo de materiais alternativos ao livro didático. A seguir, elencamos os materiais citados.

Materiais citados	Número de identificação do professor que citou o material
Filmes	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
Literatura	2, 4, 6, 8, 9
Reportagens	2, 3, 5, 8, 9
Fotos	1, 2, 5, 6
Músicas	1, 4, 6

⁸ As falas dos professores serão transcritas em formato “*itálico*”, para que sejam identificadas mais facilmente.

Documentos históricos	1, 3
Desenho animado	3, 5
Documentário	5, 6
Vídeos	2, 9

Tabela 1: Materiais diferenciados citados pelo grupo A.

Os materiais que elencamos acima foram aqueles citados por mais de um professor. No entanto, alguns recursos foram citados apenas uma vez. Foi o caso das charges, poemas, aulas prontas disponibilizadas pelo Ministério da Educação (MEC), depoimentos, laboratório de informática e biografias.

Notamos que cinco professores citaram exemplos relacionados ao âmbito da Literatura. Os termos utilizados por eles, contudo, para se referir a esses materiais foram diversos e nenhum deles utilizou “paradidáticos”.

Número de identificação do professor	Termo utilizado
2	<i>“trechos de obras literárias”</i>
4	<i>“literatura”</i>
6	<i>“livros de literatura”</i>
8	<i>“literatura”</i>
9	<i>“literatura nacional e internacional”</i>

Tabela 2: Termos citados relacionados à Literatura.

Com isso, podemos perceber que a nomenclatura “paradidáticos” aparentemente se encontra em desuso para esses professores e eles preferem utilizar o termo literatura para se referir aos livros trabalhados no contexto escolar.

Com relação aos materiais diferenciados que são usados em sala de aula, os professores do Grupo B apresentaram respostas um tanto mais restritas quanto à variedade de recursos. No entanto, os filmes também foram os recursos mais citados, sendo lembrados por cinco dos seis professores. Os materiais relacionados à literatura e paradidáticos foram citados por apenas um professor (prof. 12). Ele afirmou utilizar “*trechos de livros*” em suas aulas.

Materiais citados	Número de identificação do professor que citou o material
Filmes	11, 12, 13, 14, 15

Imagens	10, 12
Textos complementares	11, 14
Documentário	14
Folhas com exercícios	11
Literatura (“trechos de livros”)	12

Tabela 3: Materiais diferenciados citados pelo grupo B.

O que mais nos chamou atenção, além do número mais restrito de materiais citados, foi uma fala do professor 10, transcrita a seguir.

“Como trabalho com pré-vestibular a metodologia restringe-se as aulas expositivas com uso do quadro e de projeção de imagens unicamente”.

(Professor 10 – grupo B).

Aparentemente o professor apresenta em sua resposta uma espécie de justificativa para a não utilização de materiais diferenciados, retirando desses materiais a possibilidade de contribuir para a formação característica dos “vestibulandos”. Nesse mesmo sentido, a narrativa do professor 11 também pode levantar algumas reflexões a respeito da concepção de que materiais diferenciados seriam um “extra”, estabelecendo-se de modo paralelo ao processo de ensino “tradicional” feito por meio de apostilas, aulas expositivas e quadro. De acordo com a resposta desse professor, a utilização de filmes no ensino de história é realizada em “*contraturno*”.

Contribuições da Literatura

Dentro desse tema abordamos as respostas à questão 5, que permitem que identifiquemos o ponto de vista do professor acerca das contribuições da literatura no ensino de história.

Todos os professores do grupo A consideram que a Literatura pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de história, mesmo que não necessariamente costumem utilizar esse tipo de material em suas aulas. Tal evidência vem de encontro com nossa hipótese inicial para esta questão. Contudo, as justificativas dadas pelos professores foram bastante diversas entre si.

Alguns professores consideram, por exemplo, que as obras literárias possibilitam uma forma de contextualização histórica. De acordo com suas respostas, a literatura permite que se tenha uma “*ideia mais concreta de uma época*” (prof. 3), elas

“podem ajudar a conhecer e entender sobre o modo de viver” (prof. 5) e demonstram “como homens e mulheres ao longo da história pensam a sociedade e o mundo” (prof. 9).

O aspecto mais lúdico, relacionado à imaginação e ao enriquecimento da aula, também foi citado. O professor 1, por exemplo, afirmou que a Literatura leva os alunos a “viajarem dentro da história”. O professor 2 afirmou que a Literatura “inclui a imaginação”.

Apenas o professor 8 utilizou a nomenclatura “*fonte histórica*” para se referir aos materiais literários. Esse mesmo professor afirmou também que a Literatura se apresenta como um “*objeto da história*”. O fato dos materiais literários se configurarem como complemento ao conteúdo foi citado apenas pelo professor 7.

Dois professores utilizaram a resposta da questão 5 para realizar algumas ressalvas. O professor 5 lembrou sobre a necessidade de se estabelecer limites entre “o discurso histórico e ficcional” e sugeriu a utilização desses recursos de forma “interdisciplinar” e de “forma crítica”, para que os alunos tenham acesso também a “outros documentos”. O professor 7 fez na questão 5 uma ressalva quanto às limitações de utilização de materiais literários. Segundo ele, “há dificuldades em adquirir exemplares”.

Os seis professores do grupo B também foram unânimes em considerar a Literatura como importante contribuição no ensino de história. O professor 10 afirmou que trabalhava com as turmas do 2º ano do Ensino Médio alguns contos de Machado de Assis, como “*O Alienista*”. O professor 12 lembrou que a Literatura pode apresentar uma abordagem “mais próxima à realidade do aluno”. Mas a maior parte dos professores citou sobre a questão da contextualização proporcionada pela Literatura em determinados conteúdos históricos (prof. 11, 13, 14). Assim como o grupo A, apenas um professor do grupo B relacionou diretamente a Literatura à concepção de “*fonte histórica*” (prof. 15).

Ainda sobre essa categoria, o apontamento do professor 13 chamou nossa atenção. Segundo ele, “a Literatura é a linguagem da história”. Com tal afirmação é possível perceber a concepção de história desenvolvida por esse professor, que se mostra próxima à noção de narrativa.

Por meio da análise das respostas, foi possível perceber que a maioria dos professores percebe os materiais literários como uma espécie de suporte extra, como um auxílio, algo que é desenvolvido de modo paralelo ao ensino de história dito “oficial”. A literatura é vista aqui em grande parte como um complemento, um material de apoio e de complementação.

Conceito de paradidático

Nesse tópico analisamos as respostas da questão 6 do questionário, que se refere ao conceito de paradidático formulado por cada professor.

Os conceitos de paradidáticos formulados pelos professores do Grupo A se mostraram bastante diversificados. No entanto, foi possível estabelecermos alguns paralelos entre eles. As ideias mais recorrentes entre os professores se referem ao fato de os paradidáticos serem capaz de “enriquecer”, “aprofundar”, “complementar”, “discutir” e “ampliar” os temas tratados nas aulas.

Alguns professores citaram em sua resposta o aspecto “lúdico” e relacionado ao “imaginário” do aluno (prof. 1, 5) que aparece nesses materiais. Já a característica da linguagem, para alguns deles (prof. 2, 6, 8), também pode caracterizar os livros paradidáticos. De acordo com eles, esses materiais apresentam uma “*linguagem própria da literatura*”, utilizam uma abordagem “*sucinta e bem didática*” e são concebidos para serem usados com “*fins didáticos*”.

A resposta que mais nos chamou atenção foi elaborada pelo professor 9. Ele apresentou um conceito bastante interessante e bem próximo com o qual temos trabalhado na pesquisa. Segundo ele,

“livro paradidático, na verdade, pode ser qualquer produção que venha auxiliar a compreensão no ensino de história”.

(Professor 9 – grupo A).

Dessa forma, nota-se que ele não limita o conceito de livros paradidáticos apenas àqueles produzidos para o fim pedagógico. Ele expande consideravelmente o conceito, ao vinculá-lo a uma produção “qualquer” que seja utilizada para o ensino. O conceito, nesse sentido, atrela-se portanto à prática que é feita do material e não necessariamente ao seu formato.

Com relação ao conceito de paradidáticos os professores do Grupo B apresentaram uma resposta um pouco mais unificada que o grupo A. A grande maioria lembrou o aspecto complementar dos livros paradidáticos que “*aprofunda*”, “*orienta*”, “*complementa*”, “*acrescenta*” e que abordam aspectos temáticos.

A resposta mais diferenciada foi a do professor 13. Segundo ele os paradidáticos são “*um livro ‘além’ – motivador da reflexão*”. Essa resposta nos permite interpretar que esse professor compreende o paradidático como meio de problematizar determinado assunto discutido em sala, criando reflexões mais aprofundadas com os alunos.

Ele expande um pouco a ideia de paradidáticos como apenas um complemento e comenta sobre a potencialidade desses livros em estimular reflexões em sala de aula.

Por meio das respostas dos professores, de modo geral, percebemos que não há exatamente um consenso acerca do conceito de paradidático. Acreditamos que isso é consequência do próprio processo de “diluição” que o conceito de paradidático tem passado nos últimos anos nos meios editoriais. A editora Brasiliense, por exemplo, em seu site oficial utiliza o termo “Literatura Infanto-Juvenil”, categoria em que se encontram livros de ficção, lendas, contos, poemas, etc. Na categoria “Coleção Tudo é História” é que se encontram os livros caracterizados essencialmente como “conteudísticos”. Outra forma de se compor o catálogo tem sido a denominação “obras de Apoio didático” para aqueles livros considerados de temas pedagógicos, como é o caso das editoras Moderna e FTD. Na editora Melhoramentos encontramos a expressão “Coleções Educacionais”, que se referem a obras voltadas a temas que normalmente são discutidos nas escolas como prática de leitura, sustentabilidade, diversidade cultural, entre outros.

Utilização de paradidáticos

Nesse momento pretendemos analisar as opiniões e ideias dos professores sobre suas práticas com os materiais paradidáticos. Para isso, selecionamos três temas principais que consideramos relevantes: meios de contato, limitações e experiências. Esse assunto se refere às perguntas 7, 8, 9 e 10 do questionário.

Foi notória nesse aspecto a unanimidade entre as respostas dos professores do Grupo A. Todos afirmaram que existem limitações na utilização de paradidáticos. Grande parte deles afirmou que a limitação que os impede de usar os paradidáticos está na disponibilidade em quantidade insuficiente para os alunos (prof. 1, 3, 5, 6, 9). Outros apontaram também a questão financeira, pois são materiais mais caros (prof. 2, 3, 7, 8).

Duas respostas nos chamaram atenção. O professor 4 afirmou que aquilo que limita a utilização de paradidáticos é sua “*inexistência*”. Já o professor 2 afirmou não haver “*distribuição ou apresentação de paradidáticos nas escolas públicas*”. Tais respostas podem nos indicar um fator problemático: que o PNBE ainda não alcançou esses professores ou a escola onde eles lecionam.

Entre os nove entrevistados na amostra, três deles afirmaram que nunca utilizaram materiais paradidáticos (prof. 3, 4, 8). No entanto, os outros seis nos concederam relatos reveladores sobre suas experiências.

O professor 1 do grupo A nos contou sobre a metodologia empregada na aula, sem afirmar se a experiência foi positiva ou negativa. De acordo com o relato, ele “*tirou xerox de algumas páginas*” e deu a aula com apenas um exemplar. O professor 9 afirmou que sua experiência foi positiva e também narrou sua metodologia. Ele aplicou uma atividade de pesquisa sobre a Primeira Guerra Mundial para ser realizada na biblioteca e que fosse “*além do livro didático*”.

Mesmo fazendo parte do grupo de professores de escolas públicas, dois docentes nos contaram sobre suas experiências com paradidáticos que tiveram em escolas particulares. O professor 2 comprou sua própria coleção de paradidáticos e utilizou na escola pública, após a realização de um projeto em uma escola particular. Já o professor 7 participou de um projeto com a disciplina de Língua Portuguesa, com a obra “*O Diário de Anne Frank*”⁹. Questionamos então: essas respostas podem nos indicar certa facilidade da escola particular em trabalhar com paradidáticos? De acordo com esse mesmo professor, a atividade não foi realizada na escola pública “*pela dificuldade dos alunos em adquirirem os livros*”.

Ao responder sobre sua experiência, o professor 6 mostrou-se na dúvida quanto ao conceito de paradidático. Ele afirmou que não sabe se “*são paradidáticos*”, mas já usou obras como “*D. João Carioca*”¹⁰, “*O príncipe triste*”¹¹ e “*A vida na Id. Média*”. De acordo com o relato, mesmo que os alunos tenham mostrado “*mais interesse*”, o número insuficiente de exemplares “*atrapalhou bastante*” o trabalho.

O professor 5 contou sobre o trabalho com a obra “*O Diário de Anne Frank*” (assim como o professor 7, que também usou a mesma obra). Segundo ele, a escola “*adquiriu oito volumes*” e “*alguns alunos compraram os seus próprios livros*”. Além disso, esse professor citou um projeto futuro, em que ele gostaria de trabalhar em sala de aula os “*mitos da criação de outros povos*” utilizando-se livros paradidáticos.

No geral, a quantidade de professores que já tiveram experiências com paradidáticos nos surpreendeu. Nossa hipótese inicial era de que esse número fosse bem menor e tínhamos, inclusive, dúvidas se algum deles já tivesse utilizado mesmo materiais desse tipo. Contudo, de acordo com as respostas e relatos, a maioria dos professores entrevistados conhece materiais paradidáticos, já os utilizaram em suas aulas e sabe sobre as

⁹ Obra com as memórias da garota judia que lutou pela sobrevivência durante o contexto da Segunda Guerra Mundial, publicada originalmente em 1947.

¹⁰ História em quadrinho que trabalha o tema da vinda da família real ao Brasil, em 1808. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *D. João Carioca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹¹ Obra que conta a história de vida de D. Pedro II. SCHWARCZ, Lilia Moritz; OLIVEIRA, Rui. *O príncipe triste*. São Paulo: DCL editora, 2010.

limitações de seu uso. Alguns, inclusive, criaram métodos para “driblar” os problemas e manter a metodologia escolhida para as aulas.

Para os professores do Grupo B o principal aspecto limitador da utilização dos paradidáticos relaciona-se à grande quantidade de conteúdos que normalmente devem ser discutidos em sala de aula, diminuindo assim as possibilidades de uso de materiais “diferenciados”. Dos seis professores, quatro deles mostraram preocupações em relação a esse aspecto (prof. 10, 11, 13, 14). O professor 10 afirmou que o fator limitador é o “*tempo para o cumprimento do conteúdo*” em sala de aula. O professor 11 citou a “*responsabilidade de encerrar o material regular das instituições de ensino*”, confirmando que esse é um fator limitador que deixa as “*atividades paralelas*” em “*segundo plano*”.

O professor 10 foi o único desse grupo a citar a questão dos “*gastos extras*” que limitam o uso dos paradidáticos. Ele apresentou também outro motivo, como o fato de que professores de Inglês e de Língua Portuguesa já utilizam esses materiais frequentemente.

O professor 12 apresentou uma visão um tanto destoante dos outros da amostra. Ele citou como fator limitador a questão da linguagem inapropriada. Segundo ele, a dificuldade está em “*encontrar a linguagem adequada para os alunos do fundamental II (muitos são infantilizados ou inadequados para a idade)*”.

A resposta que nos chamou a atenção, contudo, foi a do professor 15.

“Acredito que falta informação e orientação p/ os professores quanto a utilização destes recursos”.

(Professor 15 – grupo B).

É notória na fala desse professor a crítica ao processo de formação de professores. Ao ser questionado em relação à limitação de utilizar paradidáticos no ensino, ele reconhece a falta de preparo e de orientação quanto a essa prática.

Entre os seis professores, apenas um deles afirmou nunca ter realizado algum trabalho em sala de aula com paradidáticos (prof. 15). Os outros fizeram breves comentários sobre suas experiências. O professor 10 afirmou já ter “*casado*” o estudo de alguns conteúdos com a abordagem em paradidáticos como “*O Alienista*”¹² e “*A Revolução dos Bichos*”¹³. Segundo ele o “*trabalho é sempre proveitoso visto que amplia a percepção do aluno para o*

¹²Obra do escritor brasileiro Machado de Assis, de 1882, que aborda de forma irônica e crítica o contexto social do fim do século XIX no Brasil.

¹³Obra do inglês George Orwell, de 1945, que trabalha de forma metafórica com o tema da ditadura soviética stalinista.

momento histórico que você está abordando”. O professor 13 trabalhou com “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”¹⁴, “1984”¹⁵ e “*Laranja Mecânica*”¹⁶.

Os outros professores não citaram especificamente os títulos dos livros que usaram, mas afirmaram que a experiência “*enriquece as aulas e também transforma a sala de aula em um ambiente mais descontraído e criativo, já que através do material os alunos [identificam] uma outra forma de ver a história*” (prof. 11). Além disso, foi possível perceber “*o grande interesse dos alunos*” (prof. 14) e “*uma vinculação maior com a família*” (prof.12).

As categorias e os perfis conceituais

Após a descrição geral das respostas, foi possível estabelecer alguns “padrões de respostas” e “perfis conceituais” (GAGO, 2007) sobre as ideias dos docentes acerca dos paradidáticos. Utilizamos como parâmetro a metodologia utilizada por Gago (2007), da Grounded Theory, em que as conclusões da pesquisa representam uma formulação teórica daquele fenômeno que foi pesquisado. Nas palavras da autora, na Grounded Theory:

[...] focaliza-se a experiência do indivíduo e a partir daí tenta-se compreender como este percebe o seu mundo, que significados atribui à História e como ela é aprendida e ensinada (GAGO, 2007, p. 168).

A autora delimita alguns caminhos a serem empreendidos pelos pesquisadores que se utilizam da perspectiva metodológica descrita acima. Primeiramente, ela afirma ser necessária a delimitação do problema de investigação. Depois, deve-se verificar os sujeitos participantes do estudo, ou seja, um pequeno grupo que constituirá a amostra da população investigada. Essa seleção pode ser feita de forma aleatória ou com intenções propositas que se relacionem, por exemplo, a localidades, a tipos de casos, a exaustão de dados, a variação máxima, etc. (GAGO, 2007).

Depois, ainda de acordo com a autora, deve ser feito o trabalho de recolhimento dos dados por meio de observações de campo e/ou entrevistas e/ou produção de documentos e artefatos (GAGO, 2007). Em nossa pesquisa, o método adotado foi a investigação com base em entrevistas, realizadas por meio da aplicação de questionários. Assim, buscamos uma forma de compreender o objeto de pesquisa sob a perspectiva dos sujeitos da investigação, verificando o “mundo experienciado pelas pessoas”. Nesse método,

¹⁴ Obra de Machado de Assis, de 1881, que também aborda o contexto do século XIX no Brasil.

¹⁵ Livro de George Orwell, de 1949, que estabelece críticas aos regimes políticos totalitários.

¹⁶ Livro de 1962, escrito pelo inglês Anthony Burgess, que satiriza a sociedade inglesa moderna.

pretende-se “[...] obter descrições abertas a partir das quais o investigador desenhará as suas interpretações” (GAGO, 2007, p. 174).

Após reunir o material da investigação, segundo a metodologia descrita por Gago (2007), o entrevistador deve se mostrar aberto e “curioso” na interpretação das respostas dos sujeitos investigados.

O entrevistador deve exibir uma postura curiosa e sensível tanto ao que é dito como ao que é omitido, estando sempre alerta e criticando as suas próprias pré-suposições e hipóteses (GAGO, 2007, p. 175).

O próximo passo na investigação é a verificação dos questionários e identificação de “padrões de ideias” para que seja possível a elaboração de “perfis conceituais”, também chamados categorias. Assim, com base na perspectiva teórica que está sendo investigada e na relevância conceitual dos constructos pesquisados, estabelece-se a categorização do fenômeno pelo minucioso exame dos dados. Nessa fase da pesquisa, é fundamental a realização de comparações e confrontações entre os conceitos e respostas dos sujeitos, para que seja possível agrupar e criar “etiquetas” de forma crescente em relação à complexidade das ideias (GAGO, 2007).

Logo, de acordo com as respostas dos professores, foi possível estabelecer três categorias sobre o uso dos paradidáticos no ensino de história. Aqui foram consideradas as ideias e os conceitos explicitados pelos professores, assim como as experiências relatadas por eles nos questionários.

Categorias	Professores do Grupo A	Professores do Grupo B
Paradidático como ludicidade (total de 7 professores)	1, 3, 4, 7	11, 12, 13
Paradidático como contextualização (total de 4 professores)	2, 6	10, 14
Paradidático como fonte histórica (total de 4 professores)	5, 8, 9	15

Tabela 4: Categorias - o uso dos paradidáticos no ensino de história.

Paradidático como ludicidade

Conforme aponta Zamboni e Fonseca (2010)¹⁷, as obras literárias infantis nas aulas de história têm muito mais oferecer do que apenas complementos ou ilustrações relacionadas aos conteúdos históricos. Essas autoras afirmam que os professores devem evitar o uso meramente ilustrativo dos livros, concebendo-os de forma mais aprofundada e não apenas superficialmente. Tendo em vista essa ideia, compreendemos que a concepção de paradidático como ludicidade configura-se como uma forma mais rasa de abordagem desse tipo de recurso em sala de aula. Segue abaixo alguns dos depoimentos dos professores que enquadrados nessa categoria.

“A literatura enriquece as aulas levando os alunos a viajarem dentro da história”.

“Um material que pode enriquecer as aulas, trabalhando com o imaginário do aluno”.

(Professor 1 – grupo A).

“A literatura inclui a imaginação”

“[Ela] traz o contexto histórico de uma maneira mais lúdica”.

(Professor 3 – grupo A).

“Geralmente os livros são ilustrados e através de uma história abordam o conteúdo trabalhado em sala”.

(Professor 7 – grupo A).

“[Os paradidáticos] são mais sensíveis, geram um vínculo emocional”.

(Professor 13 – grupo B).

A questão que parece predominar nas falas desses professores é que o uso dos paradidáticos representa uma forma de se escapar da abordagem mais “séria” e conteudística. Os livros são percebidos como instrumentos para trabalhar com o imaginário dos alunos, em aulas diferenciadas e que exploram aspectos fictícios das obras também. Verificamos, inclusive, que um dos professores cita as ilustrações dos livros, que deixariam o trabalho em sala de aula mais leve e menos maçante, segundo sua perspectiva.

A questão da sensibilidade é citada de maneira breve por um dos professores. Segundo ele, o aluno por meio da sensibilidade na leitura passa a participar da realidade retratada na obra. Essa proposta desse professor aparentemente nos pareceu interessante,

¹⁷ ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães. Contribuições da literatura infantil para a Aprendizagem de noções do tempo histórico: Leituras e indagações. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 339-353, set.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 16 set. 2018.

afinal concordamos com as ideias de Pesavento (2008)¹⁸ que aponta a Literatura como porta de entrada às sensibilidades de outras épocas. No entanto, essa autora nos lembra também que a leitura pela leitura não nos permite o acesso a essas sensibilidades. Se partimos do campo da história, é ela quem deve fazer as perguntas (PESAVENTO, 2008). Assim, compreendemos que as sensibilidades de outra época são percebidas quando há um trabalho efetivo dos professores, no uso de determinada metodologia de análise, para que assim seja possível aos alunos identificarem as questões sensíveis nas obras.

Em nossa concepção, perceber os paradidáticos como ludicidade não é um equívoco. Contudo, essa é apenas uma das facetas que podem ser abordadas pelos educadores no trabalho com esses recursos. Inclusive, sabemos que a ludicidade presente nesses livros é uma forma de o professor “escapar” dos livros didáticos, considerados por muitos como enfadonhos, maçantes e extremamente conteudistas.

Paradidático como contextualização

Outra forma de se compreender os paradidáticos no ensino de história que verificamos entre os professores foi sua percepção como contextualização. Acreditamos que tal noção se apresenta um tanto mais elaborada que a categoria anterior. Aqui não se concebe os livros como complementos e não se busca apenas ilustrar os conteúdos, mas sim como um meio para que o aluno tenha acesso à descrição de determinado contexto histórico. Entra nessa categoria a percepção de que os livros pretendem retratar determinada situação do passado, estabelecendo descrições e propiciando ao aluno o contato com outras realidades.

A seguir, transcrevemos algumas das falas dos professores que enquadrados nessa categoria.

“Já utilizei muito com os alunos para a contextualização do período histórico estudado”.

(Professor 6 – grupo A).

“[O paradidático] é um livro de abordagem específica, ou temática, que aprofunda um episódio histórico”.

(Professor 10 – grupo B).

“Montamos um projeto que utilizava os títulos da coleção Como Seria a sua Vida”.

(Professor 2 – grupo A).

¹⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Um dos professores citou em suas experiências com paradidáticos a coleção Como Seria a Sua Vida, da editora Scipione (publicados ao longo da década de 1990). Entramos em contato com alguns desses livros e percebemos que eles apresentam um caráter descritivo. Por meio de ilustrações, esquemas e textos curtos os livros dessa coleção pretendem mostrar como era a vida cotidiana dos egípcios, astecas, gregos, romanos, dependendo de qual livro é utilizado.

Podemos relacionar esses livros com aqueles analisados por Zamboni (1991)¹⁹. Essas obras buscam inovar no formato, trazendo ilustrações diferenciadas e cômicas, mas não apresentam problematizações ou documentos e imagens da época, por exemplo. Nota-se um destaque às curiosidades de uma época, com a utilização de recursos gráficos mas sem tanta preocupação historiográfica e crítica.

Dessa forma, verificamos que o uso dos paradidáticos como contextualização apresenta, de certa forma, uma maior complexidade metodológica do que o uso apenas como ludicidade. Contudo, ainda mantém algumas limitações quanto às possibilidades de se explorar recursos no âmbito da História “como ciência”.

Paradidático como fonte histórica

Entre as ideias dos professores, concebemos que aquelas que compreendem os paradidáticos como fonte histórica se apresentam como as mais bem estruturadas, principalmente se pensarmos nas reflexões de ensino propostas dentro do campo da Educação Histórica. Nesse momento, devemos deixar claro algumas ressalvas. Não buscamos aqui desconsiderar o uso de livros como ludicidade ou como contextualização. Contudo, no âmbito do ensino de história, a utilização de uma metodologia em sala de aula que se apoie nos constructos teóricos da própria História deve ser valorizada. Assim, a ludicidade e a contextualização de uma época poderia, no nosso ponto de vista, representar uma preocupação introdutória do educador/historiador. Alguns professores citaram em suas respostas a compreensão de utilizar esses livros como fontes.

“A literatura além de ser objeto da história, é também fonte. Seus conhecimentos permitem uma maior apreensão do real”.

(Professor 8 – grupo A).

¹⁹ ZAMBONI, Ernesta. *Que História é essa?* Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de história. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

“A literatura é uma forma de expressão humana e portanto demonstra como homens e mulheres ao longo da história pensam a sociedade e o mundo”.

(Professor 9 – grupo A).

“Acredito que a literatura pode ser uma fonte histórica para a minha disciplina”.

(Professor 15 – grupo B).

Os professores que enquadrámos nessa categoria demonstraram o uso da expressão “fonte histórica” e também compreenderam o uso dos paradidáticos dentro de uma perspectiva relacionada à metodologia da própria História.

No caso do professor 5, acreditamos ser necessário certo destaque. Sua compreensão dos paradidáticos como fonte inclui toda uma metodologia já desenvolvida, contando inclusive com pesquisas e cruzamento de documentos.

“O professor deve estar atento sobre os limites desse tipo de recurso é necessário estabelecer fronteiras entre o discurso histórico e ficcional; usar o texto de forma crítica e se possível de forma interdisciplinar, e dar ao aluno acesso a outros documentos”.

(Professor 5 – grupo A).

Percebemos que ele compreende a relação de proximidade que a história pode acabar criando com a literatura. Contudo, ele destaca a necessidade de estabelecer uma diferenciação, um ponto de fronteira. Outro aspecto interessante da resposta desse professor é sua preocupação com a utilização do livro paradidático de forma crítica.

“Bom uma vez ao trabalhar sobre o Nazismo e o Holocausto sugeri aos alunos a leitura do livro O diário de Anne Frank, a escola adquiriu oito volumes e alguns alunos compraram os seus próprios livros. A história despertou a curiosidade dos alunos que buscaram outras referências sobre a época e o espaço onde Anne viveu”.

(Professor 5 – grupo A).

A proposta de trabalhar em conjunto com outras disciplinas foi citada também por esse professor, em mais de uma das respostas do questionário. Percebemos que em suas aulas ele criou um ambiente de colaboração entre a disciplina de história e de língua portuguesa.

Destacamos a metodologia adotada pelo docente, que busca utilizar o confronto de textos historiográficos com contos literários, além do uso de imagens também.

“Nesse bimestre estou trabalhando com a professora de língua portuguesa contos de Machado de Assis que são confrontados com textos historiográficos, imagens sobre a política e cotidiano da sociedade do Rio de Janeiro em fim do império e início da república”.
(Professor 5 – grupo A).

Evidencia-se, assim, que o professor 5 mantém utilizações frequentes de paradidáticos em suas aulas. Ele foi o que demonstrou mais conhecimentos quanto aos títulos de obras, às experiências já realizadas, à participação em projetos, etc. Podemos estabelecer um paralelo, inclusive, entre as atitudes desse educador (grupo A) com o posicionamento do professor 10 (grupo B). Enquanto o professor 5 faz um trabalho conjunto com outras disciplinas utilizando os paradidáticos, o professor 10 afirma que uma das limitações no uso dos livros é justamente o fato de eles já serem usados nas aulas de Inglês e Português. Verificamos que a primeira perspectiva se mostra aberta ao diálogo, buscando explorar tudo o que um texto literário tem a oferecer: âmbito do estudo dos gêneros literários, análise histórica, compreensão como fonte, confrontação com historiografia, comparação com imagens. Por outro lado, a perspectiva do segundo professor mostra-se fechada e limitada.

Ao relatarem suas experiências e suas ideias sobre o uso dos paradidáticos, diversos professores demonstraram também as limitações que prejudicam ou impedem o desenvolvimento de atividades com livros nas aulas de história. Assim, acreditamos ser pertinente dar uma atenção mais específica a esse determinado tópico.

Sobre os problemas levantados pelos professores, estabelecemos uma classificação: problemas pedagógicos e problemas estruturais.

Os problemas pedagógicos se referem principalmente à questão das propostas das escolas com relação aos currículos e também ao aspecto da formação acadêmica e pedagógica dos professores. Os problemas estruturais se referem às questões financeiras e estruturais das escolas.

		Professores do Grupo A	Professores do Grupo B
Problemas pedagógicos (8 professores)	Currículo	-	10, 11, 13, 14
	Formação	4, 2	15, 12
Problemas	Preço	3, 7, 8	-

estruturais (7 professores)	Quantidade disponível	1, 3, 5, 6, 9	-
--------------------------------	--------------------------	---------------	---

Tabela 5: As limitações do uso de paradidáticos.

Podemos perceber que os dados apontam para uma clara discrepância: os professores de escolas públicas (grupo A) não citaram questões de cumprimento de prazos e currículos “apertados”. Suas limitações no uso de paradidáticos estão voltadas à questão da sua formação pedagógica para explorar esse tipo de recurso e, principalmente, a pouca quantidade de obras disponíveis e seus preços.

Por outro lado, os professores de escolas particulares (grupo B) não citaram problemas estruturais. Suas preocupações estão voltadas também à formação pedagógica, mas, principalmente, aos currículos e aos conteúdos das apostilas que eles devem cumprir. Acreditamos que essa discrepância apontada pela investigação de certa forma condiz com aspectos metodológicos usualmente adotados por instituições públicas e privadas. Em escolas particulares a preparação para os vestibulares e os materiais apostilados são elementos que costumam dificultar a abordagem usual de paradidáticos em sala de aula. Já em escolas públicas, percebe-se que a pressão em torno dos vestibulares é um pouco menor, o que pode permitir uma flexibilização na utilização de materiais diferenciados, como os paradidáticos.

Considerações finais

Concluimos o artigo com uma questão: seriam os paradidáticos uma espécie de solução para os problemas do ensino atualmente? A resposta que se manifesta após tantos meses de pesquisa é que não. Adotar materiais paradidáticos não representa solucionar por completo problemas educacionais. No entanto, adotamos um posicionamento positivo em relação às possibilidades que eles podem oferecer para um aperfeiçoamento no processo de ensino e aprendizagem de história.

Percebemos que os professores, em sua maioria, reconhecem positivamente o papel de importância desses livros e suas possíveis contribuições ao ensino de história. A ideia de que os paradidáticos possibilitam um afluxo da ludicidade nas aulas e o acesso a diferentes contextos históricos foi amplamente citada pelos entrevistados. No entanto, a concepção de utilizar esses materiais didáticos como fonte histórica, de forma metodologicamente coerente com os pressupostos da disciplina histórica, ainda foi pouco lembrada.

Conforme as narrativas dos docentes de escolas particulares, o cotidiano “apertado” de conteúdo e as exigências curriculares acabam limitando a utilização de materiais diferenciados, ligados ao campo da Literatura por exemplo. Esses livros acabam sendo utilizados bem esporadicamente nesse contexto socioeconômico e, principalmente, apenas como forma de variar os modelos metodológicos nas aulas. No contexto das escolas públicas percebe-se que a adesão ao uso de paradidáticos é, de certa forma, maior se considerarmos a questão curricular. Contudo, nesses espaços temos outros tipos de fatores limitantes como a questão do preço elevado dos livros e da pouca quantidade de obras disponibilizadas pelos programas nacionais de distribuição.

Acreditamos que esse trabalho de pesquisa não esgotou nossos questionamentos sobre os paradidáticos e sua utilização no ambiente escolar. Gostaríamos de expor algumas das preocupações suscitadas após as etapas finais de análise do material e que vêm nos incentivando no prosseguimento do nosso trajeto acadêmico.

Foi bastante notório o desconhecimento dos professores em relação ao acervo do PNBE. Muitos disseram não utilizar o acervo para estabelecer contato com os livros e alguns afirmaram não haver política nenhuma de distribuição de livros em sua escola. Esse fato nos indica a não familiarização desse Programa entre os docentes, que pode ser decorrente de inúmeros fatores relacionados à dinâmica do próprio Programa, ao contexto próprio de cada escola, à posição da direção quanto ao recebimento de livros, à atuação dos funcionários na biblioteca, etc.

Também consideramos preocupante o fato de que poucos professores assumiram o papel de incentivadores dos pequenos leitores. Professores de história não devem presumir que apenas professores de língua portuguesa ensinem e estimulem alunos no hábito de ler. Ler permite o contato com outras culturas, o intercâmbio com outros pontos de vista, o acesso a realidades diversas. E não é essa a grande “função” da história? Afinal, “como conceber o singular, a diferença dos outros, por meio de uma concepção que inclui os outros?” (RÜSEN, 2014, p. 23)²⁰. Entre o passado acontecido e o futuro desejado, a história torna-se responsável pelo “reconhecimento mútuo das diferenças” (RÜSEN, 2014).

²⁰ RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Trad. Nélcio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2014.